



"CAMPONÊS!
ADUBA A TERRA
QUE UMA FLOR
NASCERÁ"

A situação política que vivemos caracteriza-se pelo facto de que a burguesia portuguesa não encontrará a sua unidade em torno de um projecto nacionalista, mas sim em torno de um projecto patrocinado pelo imperialismo e apoiado pelas suas instituições.

É nesta perspectiva que se tem de entender a formação do II Governo Constitucional PS-CDS, que será um governo de campanha contra as conquistas populares, onde se acentuará a ingerência imperialista e o reforço do autoritarismo burguês a todos os níveis da sociedade portuguesa.

É com este pano de fundo que se desenrolam as eleições para a Associação Académica de Coimbra.

Lido o programa da lista de direita (PSD), que nos fica?

Um ódio profundo a todas as acções estudantis que visassem modificar a escola. Sempre que se pretendia que também os estudantes tivessem uma palavra a dizer em relação ao futuro; sempre que se pusesse em causa o "sim mestre" a direita se opunha! É bem certo que um conservador quando critica a escola (capitalista) o faz porque esta, tal como é, não é defensável (selecção, autoritarismo, acriticismo, etc.), e não porque ele queira que ela se transforme com a nossa transformação, na conquista do mundo novo!

A situação que vivemos na nossa academia é radicalmente diferenciada daquela que vivemos até ao fim do último ano lectivo. Diferenciada quer quanto ao seu conteúdo político, quer quanto à prática que daí decorre. O tempo das "grandes lutas" onde o sector mais radical da academia tinha um peso fundamental acabou. A democracia burguesa limitada, progressivamente limitada, vai prevalecer sobre qualquer outro tipo de regime, e este facto condiciona os objectivos e a organização que os estudantes terão de erguer para suportar as tarefas da RESISTÊNCIA ACTIVA à ofensiva, ainda que não unificada, da burguesia. O perigo das análises que apontam o golpe fascista como eminente está em que desprezam a construção, paciente e profunda, da Resistência Popular e da sua organização, dirigindo as energias para a luta contra o golpe que não virá a desarmando a Resistência ao reforço do poder burguês dentro da democracia burguesa.

É necessário encontrar os pontos de unidade que permitam acumular o máximo de força nas acções de resistência e combater aí as tendências vanguardis-

tas e radicalistas que desviam o movimento estudantil dessa resistência e da unidade necessária à sua construção.

A resposta vigorosa a esta situação, e que permitiria de uma maneira inapelável e talvez definitiva derrotar a direita na nossa Academia, correspondia no plano político a uma lista única e unitária de esquerda que garantisse a unidade do movimento estudantil, e que ao mesmo tempo permitisse uma ruptura com a prática do sector radicalizado, sem o perder, e ganhar para o trabalho, para a transformação do nosso quotidiano repressivo dentro da escola, um sector mais recuado, de aparecimento recente e para quem as transformações que a escola sofre depois do 25 de Abril são inexistentes pois nunca as conheceram.

É esta a análise que o M.E.B. faz da situação na Academia, foi esta a proposta política que fizemos e na qual nos empenhamos desde muito cedo. Já no comunicado de 15 de Nov. de 77, do Secretariado Estudantil de Coimbra do MES, a propósito da luta das cantinas se apelava à unidade de todas as forças democráticas. No início de Janeiro tivemos, por nossa iniciativa, contactos com todas as forças políticas da Academia. Reunimos separadamente com a FER, com a UEC, com a UEDS e com a UJCR. A todas elas expressamos a importância que do nosso ponto de vista tinha conseguir-se que para a AAC só existisse uma lista única e unitária de esquerda. Todas as organizações se mostraram de acordo. A importância do sector apartidário ("independentes") era reconhecida e estava-se de acordo em chama-lo a este processo. Viria a ser este sector, que assumiria, com o MES, esse projecto até ao fim.

Já é por demais conhecida a maneira como decorreram as coisas e as responsabilidades que a UEC (lista B) terá de assumir. Utilizando uma tática de engodo, a UEC defendia a correcção política da lista única e unitária visando captar para as suas posições alguns sectores de opinião. Na concretização da lista, impôs tais condições à UJCR, que se tornava claro que a intenção da UEC era força-la à auto-exclusão. É por isso que a UEC aceitou uma proposta de composição de lista que ela pensava inevitável por parte da UJCR. Ora tal não aconteceu: A UJCR, frata do isolamento em que se encontrava, devido à sua prática sectária e radicalista do ano passado e apesar de ter feito uma tentativa para reforçar a sua posição fazendo sair um comunicado politicamente incorreto — que de nada servir a não ser fornecer um pretexto de ruptura à UEC (lista B) — aceitou pagar os seus erros. Assim se viu a UEC (lista B) prisioneira da unidade.

Demonstrando que se interessa mais com os seus interesses de grupo do que com o conjunto dos interesses e da unidade do movimento estudantil, a UEC rompeu e, com a sua atitude, provoca a confusão em largos sectores que manifestam a intenção de abstenção no acto eleitoral pelo menos à primeira volta. É também neste terreno que a prática da UEC (lista B) "favorece objectivamente a direita". Também isto percebeu o sector representado por elementos da Direcção Geral cessante, da lista unitária de Direito, Economia e lista B da Fac. de Ciên-

cias, que assinam o comunicado "Votar Contra a Direita, Contra a JSD, Pelo Socialismo", apelando ao voto nem que seja em branco, na tentativa de contrariar a tendência à abstenção que favorecerá a direita podendo permitir-lhe a maioria absoluta à primeira volta (50% mais um).

Gorada a resposta política óptima, era necessário apresentar à Academia uma proposta de trabalho, que apesar da amputação sofrida, chamasse e mobilizasse novos sectores. Do nosso ponto de vista isso ainda poderia ser conseguido se na lista para a D.G. estivessem presentes para além de um conjunto de "independentes, da Direcção Geral," forças como a UEDS. Assim não veio a acontecer. Apesar de serem sinceras as intenções da UEDS quanto a uma lista única e unitária, a ruptura da UEC levou-a a exigir que não estando a UEC também não devia estar a UJCR.

Tornava-se portanto impossível a materialização de uma resposta política que não fosse suportada exclusivamente pelos sectores radicalizados, e que tivesse já em si as condições de mudança do conteúdo, prática e características do Movimento Estudantil.

Apesar da prática do MES e das suas intenções se referenciarem a este projecto, a nossa implantação não nos permitia que pudessemos já suportar, sozinhos tão ambicioso projecto. Uma posição aventureira poderia "matar" uma proposta de trabalho que se encontra em desenvolvimento.

São estas condições que do nosso ponto de vista não são salvaguardadas com uma lista com as características da lista D. foi por isso que não participamos nela. No entanto, ela mantém em si, pela sua composição, uma proposta de unidade, insuficiente e certo, mas de unidade. Se a abstenção é perigosa por servir a direita, então teremos de votar na lista que, apesar de tudo nos poderá garantir um espaço de manobra que sirva de instrumento de combate à direita, paralisando a arrogância de quem só entende a unidade em torno de si, preservando o projecto de unidade. Daí que a nossa opção de voto seja, na primeira volta **VOTO CRÍTICO NA LISTA D!**

na segunda volta **VOTO NA ESQUERDA!**

3

Nota: Para quem pensa na abstenção deixamo-lo com B. Brecht.

" Os lutadores que estão cansados demais, perdem a batalha"

CONTRA A DIREITA! CONTRA A ABSTENÇÃO!

UNIR PARA RESISTIR, LUTAR PARA VENCER!

SECRETARIADO ESTUDANTIL DE COIMBRA

do

MOVIMENTO DE ESQUERDA SOCIALISTA

15/2/78